

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 019 19/05/2008 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (19/05/08)

GRÃOS (Preço líquido pago ao produtor)

Feijão Carioca¹ - R\$ 110,00-130,00 / sc de 60 kg

Milho² - R\$ 22,00 / sc de 60 kg

Soja² - R\$ 41,50 / sc de 60 kg

HORTALIÇAS³ (Preço líquido pago ao produtor)

Alface - R\$ 7,00 / cx de 7 kg

Beterraba - R\$ 27,00/ cx 20 kg

Cenoura - R\$ 18,00 / cx 20 kg

Chuchu - R\$ 11,00 / cx 20 kg

Couve Manteiga - R\$ 0,70 / (maço 500 g)

Couve Flor - R\$ 27,00 / Dz

Mandioca - R\$ 9,00 / cx 20 kg

Morango - R\$ xxxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)

Pimentão - Campo R\$ 13,00; Estufa R\$ 15,00 / cx 12 kg

Quiabo - R\$ 25,00 / cx 12 a 14 kg

Repolho - R\$ 8,00 / sc 20 kg

Tomate - R\$ 28,00 / cx 20 kg

FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)

Goiaba - R\$ 18,00/ cx 20 kg

Maracujá - R\$ 0,80 / kg

Tangerina Ponkan - R\$ 11,00 / cx 20 kg

Limão - R\$ 9,00 / cx 20 kg

PECUÁRIA

Bovino

Arroba⁴ - R\$ 73,00 Não Rastreado e R\$ xxxx Rastreado

Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelados)⁵
- R\$ 520,00 a 550,00

Leite

Litro⁶ - Latão: R\$ --- ; Tanque: R\$ 0,75

Suíno⁷ - Vivo

Kg - R\$ 2,95

Aves⁷ - Frango Vivo

Kg - R\$ 1,58

-- Galinha Caipira⁸

Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 18,00

Carneiro⁹

Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80

Peixe¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)

Kg - R\$ 2,40

Avestruz¹¹ - vivo

Kg - R\$ 4,00 a 5,00

Recortes

Brasil tem 250 tipos de flores e setor movimentado mais de 2 bi

O setor de floricultura movimentou, em 2007, R\$ 2,4 bilhões. O mercado é composto por sete mil produtores, que atuam em 25 mil pontos de venda, como floriculturas, quiosques, supermercados, feiras livres e garden centers (supermercados específicos para flores e plantas). São 250 tipos diferentes de flores no Brasil. Entre as mais vendidas estão: rosas, lírios, tulipas, gérberas e tropicais. Quando acompanhadas por vasos, os destaques são a violeta, begônia e kalanchoe (flor da fortuna). De acordo com o anuário brasileiro das flores 2007, o Brasil produz e comercializa, tanto as espécies temperadas quanto as tropicais, o que contribui para a venda de flores tradicionais e exóticas. O carro-chefe da produção nacional são as ornamentais. Os maiores produtores de flores são os estados de São Paulo, Minas Gerais, Ceará e Rio Grande do Sul. São Paulo é responsável por 70% do volume total. Em relação ao consumo, 85% da demanda está no Sudeste.

Fonte: www.agricultura.gov.br

Cotações elevadas estimularam venda antecipada da produção

Os preços internacionais mais altos estimularam as vendas antecipadas da safra 2007/08. Tanto no algodão quanto na soja a comercialização ultrapassa 60%, valores superiores ao mesmo período do ano passado. Apesar disso, nem todo mundo "ganhou dinheiro". Por conta disso, para a safra 2008/09, no entanto, o momento é de cautela. "A antecipação é boa quando é estratégia financeira, mas quando o produtor usa para antecipar recursos para o plantio, com juros elevados, é ruim. Ele deixa de ganhar", diz Rosemeire dos Santos, assessora-técnica da Comissão de Cereais, Fibras e Oleaginosas da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

Fonte: *Gazeta Mercantil*

Carne suína dispara no exterior, mas embarques do Brasil recuam

O mercado internacional de carne suína está aquecido, com preços em elevação, mas o Brasil não está aproveitando o momento favorável, avalia Pedro de Camargo Neto, presidente da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs). A razão é a ainda forte dependência das exportações à Rússia - país que começa a estimular a produção doméstica de suínos e já segura as compras do Brasil.

No mês passado, os preços da carne suína na exportação alcançaram US\$ 2.682 por tonelada, 11,65% mais do que em março e 35,74% superior a abril de 2007, conforme Abipecs. Os embarques brasileiros no período, porém, caíram 20,92%, para 48.725 toneladas. Os preços mais altos garantiram aumento de 7,34% na receita, que somou US\$ 130,667 milhões.

Fonte: *Zoonews*

Maior oferta e aceitação de transgênico desvalorizam milho

O alto prêmio conseguido pelo milho brasileiro no segundo semestre do ano passado - quando o ágio chegou até a US\$ 65 por tonelada em relação ao americano - não deve se repetir em 2008. No entanto, as cotações mais elevadas do cereal neste ano "podem compensar esta perda". Para analistas, a conjuntura do mercado naquela época permitia este pagamento - além do fato de o País produzir o grão não-modificado.

"O prêmio pode não ser da mesma magnitude", diz o diretor da Cogo Consultoria Agroeconômica. Segundo ele, no segundo semestre do ano passado, a Europa veio atrás do milho brasileiro porque havia escassez de trigo para ração - e o grão estava com preço elevado. Agora, com uma safra maior deste cereal, a tendência é de redução nos preços mas, por outro lado, o milho terá preços mais elevados em Chicago, que compensariam esta diferença. Em relação ao mesmo período do ano passado, o preço médio praticado na exportação está 47% mais alto. Por enquanto, segundo a Safras & Mercado, o mercado brasileiro teria disposição em vender entre US\$ 260/280 a tonelada, enquanto o mercado externo estaria disposto a pagar abaixo do produto dos Estados Unidos, a US\$ 240 a tonelada.

No ano passado, parte do mercado creditava o alto prêmio pelo fato de o País comercializar milho não-transgênico. Mas os analistas não conseguem dimensionar quanto foi por este motivo e qual foi a participação da conjuntura geral. O certo é que a Europa liberou a importação de alguns produtos transgênicos e, com isso, está comprando bastante da Argentina. Estima-se que os europeus já tenham embarcado 4 milhões de toneladas do país vizinho e que, ao mesmo tempo, a Argentina esteja chegando ao limite de exportações sem taxaço do governo: 10 milhões de toneladas. Os vizinhos têm disponíveis para venda externa de 14 milhões de toneladas.

Cogo lembra que a preferência por compra de milho convencional depende do país dentro da União Européia. Segundo ele, a França prefere este produto, enquanto a Holanda adquire os dois. "Por isso, a venda da Argentina não deve interferir", acredita. Na sua avaliação, o Brasil vai bater recorde de exportações de milho em 2008, somando 10 milhões de toneladas. Para Fábio Turquino Barros, da AgraFNP, o País tem esta disponibilidade de exportação independente de ter ou não grão convencional. "Cada vez mais a demanda eleva o prêmio mais que a questão da transgenia", afirma Barros. Ele acredita que a demanda maior que a oferta persista por pelo menos mais três anos, proporcionando as vendas externas do País.

Para Leonardo Sologuren, sócio-diretor da Céleres, a movimentação grande de procura pelo milho brasileiro no segundo semestre do ano passado se deveu, principalmente, porque era entressafra nos Estados Unidos e a Argentina, segundo maior exportador mundial, já não tinha mais produto disponível. "Por isso se pagou o prêmio alto. Mas havia também uma parcela interessada no grão não-transgênico", acrescenta. Ele cita como exemplo, a Espanha, que foi um dos principais compradores do Brasil no ano passado e, em 2008, já adquiriu 3 milhões de toneladas do grão da Argentina. Sologuren diz ainda que, independente da questão da transgenia, a Europa vai precisar importar milho - pois tem crescido a área de canola para biodiesel na região - e os três fornecedores mundiais são os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil. O sócio-diretor da Céleres acredita que a cotação mais elevada do cereal em 2008 "pagará" o prêmio obtido no ano passado.

O presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho), Odacir Klein, acredita que, mesmo com a flexibilização da Europa em relação à transgenia, o prêmio obtido pelo País no ano passado foi mais em função disso que de oferta do cereal. E, apesar de os europeus estarem comprando massivamente dos argentinos, ele não acredita que as vendas externas do País caiam. "O que pode ocorrer é oscilação geográfica", acredita.

Mercado interno pressiona

Os embarques brasileiros realizados até o momento foram de transações realizadas no ano passado. Segundo analistas, aos preços do mercado interno acima da paridade de exportação estão praticamente "paralisando" novas negociações. Mas eles acreditam que a partir do segundo semestre, as vendas externas "embalem".

De acordo com a Cogo Consultoria Agroeconômica, a diferença entre o mercado interno e o externo está em R\$ 3 por saca a mais para o produto que fica no País. "Quando este quadro se reverter, amplia a exportação".

Barros acrescenta que a questão cambial é que tem proporcionado esta diferença. Mas, segundo ele, apesar das vendas estarem "lentas", muitas tradings já estão enviando o grão para armazéns próximos aos portos, sinalizando de que vão exportar. O sócio-diretor da Céleres lembra também que muitos produtores estão segurando a comercialização do grão, apostando que os preços vão subir.